

AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DE UMA CIÊNCIA DA CRUZ

D'Artagnan de Almeida Barcelos*

Resumo: O presente artigo investiga as implicações sociais e políticas de uma “Ciência da Cruz” na obra e na experiência de Edith Stein, buscando compreender como em seu pensamento a Mística se articula com o compromisso social e político. Analisando os tratados de Münster, a carta dirigido a Pio XI e os seus chamados *Escritos Espirituais* (principalmente o livro *Ciência da Cruz* e as meditações *Amor pela Cruz e Exaltação da Cruz*), postula-se que essas implicações podem ser resumidas em dois pontos: o empenho destemido por uma ordem social justa e a disponibilidade para oferecer a vida por amor. Donde se conclui que, longe de conduzir a um intimismo alienante e egoísta, a mística steiniana se revela como força de transformação histórica.

Palavras chave: Edith Stein; Fenomenologia; Mística; Política.

Résumé: Le présent article examine les implications sociales et politiques d'une "Science de la Croix" dans l'œuvre et l'expérience d'Edith Stein, en cherchant à comprendre comment, dans sa pensée, la mystique s'articule avec l'engagement social et politique. En analysant les traités de Münster, la lettre adressée à Pie XI et ses *Écrits spirituels* (principalement le livre *La Science de la Croix* et les méditations *Amour pour la Croix et Exaltation de la Croix*), on postule que ces implications peuvent se résumer en deux points: l'engagement intrépide en faveur d'un ordre social juste et la disponibilité à offrir sa vie par amour. On en conclut donc que, loin de conduire à un intimisme aliénant et égoïste, la mystique steinienne se révèle comme une force de transformation historique.

Mots-clés: Edith Stein; Phénoménologie; Mystique; Politique.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Salta aos olhos de quem se aproxima da obra e da biografia de Edith Stein o seu grande interesse por questões sociais e políticas, haja vista o seu envolvimento, desde a juventude, com associações estudantis¹ e, inclusive, com o Partido Social-Democrata

* Graduado e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de São João del Rei (UFJF), graduado em Teologia pelo Instituto de Teologia São José e pelo Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES); possui especialização em Filosofia e Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e em Direito Matrimonial Canônico pela Universidade Católica de Santa Catarina (Católica-SC), e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É presbítero do clero da Arquidiocese de Mariana-MG e professor da Faculdade Dom Luciano Mendes.

A presente investigação foi motivada – além das pesquisas anteriores do autor sobre a Filosofia Política de Edith Stein - pelo tema do VII Simpósio Internacional Edith Stein, realizado entre os dias 29 e 31 de outubro de 2025 em Curitiba-PA: “Experiência e Mística: Cultura e Liberdade”. Alguns esboços do presente artigo, inclusive, foram ali apresentados e debatidos na forma de uma Comunicação Acadêmica.

¹ Grupo Pedagógico, Liga para a Reforma Escolar, Associação Feminina de Estudantes e Associação Prussiana em favor do Voto da Mulher (Stein, 2018, p. 140)

Alemão (SPD)². No campo da investigação científica, a sua terceira publicação filosófica, intitulada *Uma investigação sobre o Estado* e publicada em 1925 trata – em uma evidente continuidade com *Sobre o problema da empatia* (1917) e *Contribuições para a fundamentação filosófica da Psicologia e Ciências do Espírito* (1922) - do tema da ontologia social e política, a partir do recorte temático da questão do Estado.

Todavia, após a sua conversão à fé cristã, observa-se primeiramente – semelhante ao “retiro” de Paulo de Tarso na Arábia após a sua conversão (cf. Gl 1,17-18) - um longo período de silêncio em suas publicações e presença pública e, depois, uma clara mudança nos rumos da sua produção científica para maior interesse por questões pedagógicas e pelo diálogo entre a Fenomenologia e a Filosofia Medieval. Na impossibilidade de abordar aqui a questão complexa da conversão religiosa de Edith Stein³ e dos eventos que envolveram sua vida pessoal entre os anos 1916 e 1922⁴, citamos apenas uma sua correspondência datada de 22 de setembro de 1921 com o amigo polonês, também filósofo e aluno de Husserl, Roman Ingarden, na qual se pode vislumbrar o quanto há de ruptura em todo esse complexo processo existencial:

Relacionar-se comigo através dos meus trabalhos tem seus inconvenientes. Esses trabalhos apareceram em 1918 e 1919. Falando objetivamente, quase não preciso riscar nada. Mas eles são, para mim, como a pele velha abandonada por uma cobra. É melhor não olhar para eles novamente (STEIN, 2002b, p. 720).⁵

Sabemos que, superada a “crise de neoconvertida”, Stein retoma com o artigo *A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo*⁶, publicado em 1929 no Anuário de filosofia e investigação fenomenológica, o seu

² Em novembro de 1918, Stein relata a Roman Ingarden a sua filiação ao Partido Socialdemocrata Alemão (Stein, 2002b, p. 664)

³ Macintyre (2008) aborda em profundidade esta questão – inclusive comparando com o processo de conversão de outros filósofos e sociólogos – nos capítulos 15 e 16 de sua obra de referência sobre Stein. Merece destaque ainda o artigo de Angelika von Renteln (2006) intitulado *Moments in Edith Stein's Years of Crisis, 1918-1922*, publicado na coletânea *Contemplating Edith Stein*; e também o artigo *Edith Stein and "Secretum meum mihi": Are Religious Conversions Necessarily Private?* de Ken Casey (2016).

⁴ Encontramos novamente em Macintyre (2008) uma apurada análise desse período da vida de Edith Stein e dos seus desdobramentos em sua produção científica no capítulo 10, intitulado (na tradução espanhola) “1913-1922: La complejidad de la historia de Stein”.

⁵ “Tomar relación conmigo a través de mis trabajos, tiene sus inconvenientes. Tales trabajos han surgido en 1918 y 1919. Objetivamente hablando, apenas si tengo que tachar algo. Pero son para mí como puede ser para una serpiente su abandonada vieja piel. Lo mejor es no volver a mirarlos”. Este texto e os seguintes que não possuem tradução portuguesa serão apresentados no texto corrente em *tradução nossa*, com o respectivo texto original reproduzido nas notas de rodapé.

⁶ A tradução brasileira desse artigo, realizada por Ursula Anne Mathias, foi publicada em Stein, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019.

interesse pela produção filosófica e, mesmo após o ingresso no Mosteiro Carmelita de Colônia, produz a obra que é considerada sua obra prima filosófica, *Ser finito e ser Eterno*. Todavia, do ponto de vista da produção científica, o interesse por questões sociais – bastante presente em sua juventude – parece estar ausente⁷. Surgem, portanto, questões importantes com as quais nos ocuparemos no presente trabalho: poderia a adesão à fé cristã afastar um pensador de seu interesse social? O interesse intelectual pelo pelos temas de Ontologia ou de Mística eliminaria completamente o interesse por temas sociais e políticos? Ou ainda, nos valendo de uma expressão steiniana consagrada, quais seriam – se existem - as consequências sociais e políticas de uma Ciência da Cruz?

2. O CONCEITO DE CIÊNCIA DA CRUZ

Ciência da Cruz (*Kreuzeswissenschaft*) é, ao mesmo tempo, o título da obra-prima mística de Edith Stein, e o conceito com o qual podemos resumir a sua própria doutrina espiritual. Trata-se de um termo cunhado para o seu estudo sobre São João da Cruz, publicado na comemoração dos 400 anos de nascimento do grande místico espanhol, doutor da Igreja e companheiro de Santa Teresa de Jesus na reforma carmelitana. Com a clareza conceitual que sempre marcou a sua produção filosófica, Stein nos oferece, já na Introdução da obra, o seu conceito de *Kreuzeswissenschaft* e, de antemão, oferece uma primeira resposta à nossa questão sobre a ligação entre Mística e engajamento político:

Quando falamos em *ciência da cruz*, devemos entender que não se trata de uma ciência no sentido comum da palavra, nem somente de uma teoria, ou um simples sistema de asserções verdadeiras. Tampouco de um sistema formal, fruto do pensamento lógico. Ela é, isto sim, uma verdade já aceita, uma teologia da cruz: *verdade viva real e eficaz, comparável a uma semente que, quando lançada na alma, deita raízes, dando-lhe características especiais e determinando-lhe a conduta. Ela brilha e transparece nas atitudes*⁸. É neste sentido que se fala em *ciência dos santos* e que falamos em *ciência da cruz*. É das características e energias vitais, latentes as profundezas da alma, que nascem a concepção da vida e a perspectiva em que são encarados Deus e o

⁷ Uma amostra eloquente dessa nova orientação da sua pesquisa é o fato de que a sua obra prima de ontologia social e política, *Um estudo sobre o Estado*, não é sequer citada novamente por Stein. Por essa razão, a introdução da edição crítica alemã (Stein, 2006a. p. IX), chama *Eine Untersuchung über den Staat* de “Unbekanntes Werk”, uma obra pouco conhecida e comentada. Marianne Sawicki, editora da edição inglesa, observa, na mesma direção, que “Este tratado sobre política foi totalmente ignorado quando publicado pela primeira vez em 1925. E busca-se em vão por citações ou críticas dele na literatura acadêmica da época” (apud. Stein, 2006b).

⁸ Essa ideia chave de que a contemplação do Crucificado ou o seguimento de Jesus Cristo deve transformar a vida do seu discípulo aparece constantemente em toda a obra *Ciência da Cruz*. Por exemplo: Stein, 2002a, p.14; 19-20; 23; 94; 111; 156-157.

universo; podendo dessa maneira ser caracterizadas e sintetizadas numa teoria. (Stein, 2002a, p.11-12)

A Ciência da Cruz – e, portanto, a mística cristã – não se relaciona com a verdade da mesma forma que as ciências em geral, pois se trata de uma Teologia da Cruz, que coloca a pessoa livre em relação com uma “verdade viva real e eficaz”, que imprime na alma da pessoa características especiais, as quais se tornam transparentes em suas atitudes. Portanto, como em toda a mística cristã autêntica, aqui não há espaço para espiritualismos individualistas e egoístas, na linha do que afirma exaustivamente o Novo Testamento: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê. (1Jo 4,20; cf. também Tg 2,8; Mt 5,43-44; Cl 3,12-15)

No entanto, a questão que nos interessa no presente trabalho não se refere apenas ao testemunho cristão individual no seu contexto familiar e comunitário - o que já seria relevante – pois queremos descobrir se existem e quais são as consequências sociais e políticas de uma Ciência da Cruz. E tudo isso, não genericamente a partir da Teologia Bíblica ou Sistemática; mas, precisamente, a partir do pensamento de Edith Stein. Em outras palavras, estamos em busca das implicações sociais e políticas da mística steiniana, a qual – conforme afirmamos – pode ser sintetizada na sua noção de Ciência da Cruz.

E para realizá-lo - por óbvio - precisaremos considerar os escritos steinianos que sucederam a sua conversão à fé cristã. Nesse sentido, concentraremos nossa atenção nos Tratados de Münster; nos seus Escritos Espirituais⁹ - principalmente no livro *Ciência da Cruz* e nas meditações *Amor pela Cruz e Exaltação da Cruz* - e, particularmente, na sua carta dirigida ao Papa Pio XI em 1933.

3. TEMAS SOCIAIS E POLÍTICOS NOS TRATADOS DE MÜNSTER

No curto período (fevereiro de 1932 a março de 1933) em que lecionou no Instituto de Pedagogia Científica de Münster, Edith Stein produziu – para fundamentar as suas aulas – o que pode ser considerado um Tratado de Antropologia Filosófica, intitulado *A*

⁹ Com a descrição genérica de “Escritos Espirituais” nos referimos, fundamentalmente, ao amplo e diversificado conjunto de livros, artigos e meditações reunidos no V volume das Obras Completas em Espanhol (Stein, 2014).

estrutura da Pessoa Humana, e preparou os primeiros esboços de um tratado de Antropologia Teológica, que seria publicado com o título *O que é Homem*.

Na obra que pode ser considerada uma síntese de sua antropologia filosófica, ela aborda o tema da antropologia como fundamento de uma Pedagogia e prática educativa que levem a sério sua tarefa de formar seres humanos (Stein, 2003, p. 562). Ali, portanto, os temas sociais, aparecem precisamente no contexto de uma antropologia filosófica e tendo com primeiras leitoras as suas alunas de pedagogia. No capítulo VII de *Der Aufbau der menschlichen Person*, intitulado *O ser social da pessoa*, Stein - depois de esclarecer os conceitos de atos sociais, relações sociais e estruturas sociais - concentra sua atenção no tema dos *tipos sociais* e na análise das noções de *povo* e da *pertença a um povo*. Conforme o próprio título da obra e o título do capítulo parecem indicar, a análise steiniana é toda concentrada na pessoa humana, que compartilha com os demais seres humanos uma estrutura humana semelhante, mas que é também portadora de características únicas e irrepetíveis. Ou seja, nesse ponto a filósofa se afasta, ao mesmo tempo, de concepções coletivistas e individualistas. Talvez possamos colher uma amostra de sua reflexão na sua conclusão da análise dos tipos sociais:

Dessa maneira, as reflexões que vimos realizando nos permitem compreender que, na base de toda formação social de tipos, já se encontra, na qualidade de “disposição inata”, o ser humano, criado de modo individual e pessoal, como um ser que, em razão de sua origem, já constitui um certo tipo distinto dos demais. Essa índole típica nos é compreensível como a índole típica da família e, talvez, da estirpe (se por estirpe entendermos uma comunidade de linhagem mais ampla)¹⁰. (Stein, 2003, p.725)

O texto que foi conservado do que seria uma obra steiniana de antropologia teológica, publicado somente em 1994 com o título *Was ist der Mensch? Eine theologische Anthropologie* (O que é o homem? Uma antropologia teológica), consiste, na verdade, apenas em um esboço, ou melhor uma resenha de textos do Magistério Eclesiástico, que tinham o objetivo de fundamentar as suas aulas de antropologia teológica. As quais nunca foram ministradas em função do acirramento da perseguição aos judeus por parte dos nazistas. O que encontramos ali, portanto, no que diz respeito aos temas sociais e políticos, não é propriamente uma reflexão de Edith Stein, mas uma resenha da Doutrina

¹⁰“De esta manera, las reflexiones que venimos efectuando nos permiten comprender que en la base de toda formación social de tipos ya se encuentra, en calidad de “disposición innata”, el ser del hombre, creado individual y personal, como un ser que ya constituye en razón de su procedencia un cierto tipo separado de los demás. Esta índole típica nos resulta comprensible como la índole típica de la familia, y quizá de la estirpe (si por estirpe entendemos [29] una comunidad de linaje más amplia).”

Social da Igreja no magistério contemporâneo a ela¹¹. Isso demonstra a sua atitude de adesão plena ao ensinamento da Igreja Católica e expressa o seu esforço de formar as suas jovens alunas de pedagogia na doutrina cristã sobre os temas sociais. De qualquer forma, essa sua resenha didática nos apresenta, primeiramente, uma série de textos sobre a “desigualdade de bens e a propriedade individual” (Stein, 2003, p. 776-777), os quais poderiam, inclusive, causar certa estranheza aos nossos contemporâneos, mas que fazia sentido na crítica necessária ao marxismo leninista. Outrossim – seguindo de perto o ensinamento de Leão XIII – ela apresenta igualmente o que podemos chamar de crítica ao capitalismo liberal. Em suas palavras:

Entre as verdades que a doutrina da fé afirma como absolutamente válidas para cada pessoa, encontram-se também algumas declarações sobre o ser social do homem. Uma série de encíclicas de Leão XIII enfrentam as teorias individualistas e socialistas acerca do Estado e da sociedade, afirmando que os homens, por natureza, nasceram para a vida em sociedade; que o chamado contrato social é uma pura ficção e não é capaz de conceder ao poder civil a força, a dignidade e a firmeza de que necessita para a tutela do Estado e o bem comum dos cidadãos. Somente se a autoridade estatal provém de Deus, então a autoridade humana terá poder e prestígio suficientes¹². (Stein, 2003, p. 776-777)

4. AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DE UMA CIÊNCIA DA CRUZ

Não tendo encontrado resposta suficiente para a questão da relação entre mística e política nos escritos de Münster, consideraremos agora, além da Carta selada a Pio XI, o conjunto dos seus chamados Escritos Espirituais, que compõem o V volume das Obras Completas em Espanhol, com destaque para o livro *Ciência da Cruz* (Stein, 2002a) e as meditações

¹¹ A própria Stein, explica objetivamente as circunstâncias da redação e o método de que se valeria nessa obra. Sobre o método, ela afirma: “Como devia ocupar-me, de modo puro e simples, da doutrina da fé, ative-me essencialmente às definições dogmáticas. As opiniões teológicas foram apresentadas apenas quando as formulações dogmáticas, por serem excessivamente concisas, mostravam ser conveniente oferecer uma explicação. As explicações filosóficas são introduzidas somente quando os dogmas utilizam termos técnicos da filosofia, cuja compreensão é tida como pressuposta”. No texto espanhol: “Puesto que tenía que ocuparme pura y llanamente de la doctrina de la fe, me atuve esencialmente a las definiciones dogmáticas. Las opiniones teológicas las aduje únicamente, cuando las formulaciones dogmáticas, por ser excesivamente concisas, hacían ver que era conveniente ofrecer una explicación. Las aclaraciones filosóficas las presento únicamente, cuando en los dogmas se utilizan tecnicismos filosóficos, cuya comprensión se da por sentada”. (Stein, 2003, p. 766)

¹² “Entre aquellas cosas que la doctrina de la fe afirma como absolutamente vigentes para cada persona, se encuentran además algunas declaraciones sobre el ser social del hombre. Una serie de encíclicas de León XIII hacen frente a teorías individualistas y socialistas acerca del Estado y de la sociedad, y afirman que los hombres, por naturaleza, han nacido para la sociedad; que el denominado contrato social es pura ficción y no es capaz de otorgar al poder civil tanta fuerza, dignidad y firmeza cuanto requieren la tutela del Estado y el bien común de los ciudadanos. Tan sólo si la autoridad estatal dimana de Dios, entonces la autoridad humana tendrá suficiente poder y prestigio”.

Amor pela Cruz: alguns pensamentos por ocasião da festa do santo padre João da Cruz e Exaltação da Cruz (Stein, 2004a, p. 621-626; 631-634). Nesse conjunto de obras e, em última instância no conjunto da doutrina espiritual de Edith Stein, encontramos uma abordagem bastante unitária, que parte da experiência de uma jovem filósofa neoconvertida encantada com a vida beneditina e o Movimento Litúrgico nascente e que mergulha progressivamente na espiritualidade do Carmelo Teresiano.

Na impossibilidade de expor os pormenores de uma referência bibliográfica tão extensa e apoiados na referida unidade da doutrina espiritual steiniana, bem como na sua rigorosa coerência existencial, postulamos uma síntese da relação entre Mística e Política em Edith Stein ou – como preferimos – das consequências sociais e políticas de uma Ciência da Cruz em dois pontos: a) empenho destemido por uma ordem social justa e b) disponibilidade para a oferta da vida por amor.

a) empenho destemido por ordem social justa

Embora estivesse marcada pela linguagem teológica de seu tempo, que insistia na noção de satisfação vicária (Stein, 2004, p.623-625), a doutrina espiritual steiniana não dá espaço a nenhuma forma de fatalismo conformista diante das injustiças presentes no mundo. Mesmo quando convida o seu leitor a carregar a Cruz com Cristo, ela esclarece que o sentido da *Via Crucis* – e, portanto, o sentido místico para o sofrimento – é retirar o peso do mundo:

O peso da cruz que Cristo carregou é a corrupção da natureza humana com todas as suas consequências de pecado e sofrimento, com as quais a humanidade castigada está abatida. Retirar do mundo esse fardo, esse é o sentido da *Via Crucis*. O retorno da humanidade libertada ao coração do Pai celestial e a adoção como filhos adotivos é um dom gratuito da graça, do amor todo misericordioso¹³. (Stein, 2004, p. 623)

O seu posicionamento mais ousado, acompanhado das respectivas razões teológicas e políticas, entretanto, está presente na carta que a fiel católica, então professora de Filosofia em Münster, dirigiu ao Papa Pio XI datada de 12 de abril de 1933, na qual

¹³ “El peso de la cruz, que Cristo ha cargado, es la corrupción de la naturaleza humana con todas sus consecuencias de pecado y sufrimiento, con las cuales la castigada humanidad está abatida. Sustraer del mundo esa carga, ése es el sentido del vía crucis. El regreso de la humanidad liberada al corazón del Padre celestial y la adopción como hijos adoptivos es un don gratuito de la gracia, del amor omnimisericordioso”.

manifesta sua posição – diferente da posição adotada pela diplomacia vaticana¹⁴ – de que a Igreja Católica teria o dever moral de denunciar os horrores realizados na Alemanha nazista já no ano de 1933. Para não nos alongarmos demasiadamente, citamos aqui apenas as suas exortações mais contundentes:

Santo padre, [...] há algumas semanas temos visto acontecer na Alemanha fatos que zombam de qualquer senso de justiça e humanidade, sem falar no amor ao próximo. Ao longo de anos, os líderes do Nacionalsocialismo pregaram o ódio aos judeus. Agora que eles tomaram o poder do governo em suas mãos e armaram seus apoiadores – entre os quais há criminosos comprovados – essa semente de ódio germinou. [...] Tudo o que aconteceu e continua a acontecer, dia após dia, é produzido por um governo que se autodenomina “cristão”. Há semanas, não apenas os judeus, mas também milhares de fiéis católicos na Alemanha e – creio – em todo o mundo, esperam e confiam que a Igreja de Cristo levantará sua voz para acabar com esse abuso do nome de Cristo. Essa idolatria da raça e da autoridade do Estado, que diariamente se impõe à consciência pública através do rádio, não é uma verdadeira heresia? A tentativa de aniquilar o sangue judeu não é uma afronta à sagrada humanidade de Nosso Salvador, à Santíssima Virgem e aos Apóstolos? Tudo isso não é diametralmente oposto à conduta de nosso Senhor e Salvador, que mesmo na cruz orou por seus perseguidores? [...]. Todos nós, que somos filhos fiéis da Igreja e observamos de olhos abertos as condições dominantes na Alemanha, tememos o pior para o prestígio da Igreja, se o silêncio continuar. (Stein, Apud Fermín, 2003, p. 29-31)¹⁵

A nosso juízo, esse corajoso posicionamento de Edith Stein não deve ser lido como um ato heroico isolado – o qual ela própria nunca supervalorizou – mas simplesmente como a consequência necessária de fé em Jesus Cristo, que convoca os seus seguidores a amar ao próximo como a si mesmo (cf. Mt 22,39), e - mais ainda - a amá-los *como ele próprio os amou* (cf. Jo 13,34), ou seja, ofertando a vida por amor (cf. Jo 15,13). Os Apóstolos, seus primeiros exegetas, compreenderam bem a transcendência desse ensinamento: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não

¹⁴ Sobre o tema assaz complexo da relação entre o Vaticano e o Nacionalsocialismo, pode se obter algum aprofundamento a partir das obras: Guasco, 2012; Riebling, 2018; Thomas, 2013; e, particularmente, sobre a relação entre Edith Stein e o nazismo em: Bello; Chenu, 2005.

¹⁵ “12 de abril de 1933;/Santo Padre!/[...] Desde hace semanas vemos que suceden en Alemania hechos que constituyen una burla a todo sentido de justicia y humanidad, por no hablar del amor al prójimo. Durante años, los líderes del nacionalsocialismo han estado predicando el odio a los judíos. Ahora que tomaron el poder gubernamental en sus manos y armaron a sus partidarios –entre los cuales hay elementos probadamente criminales–, esta semilla de odio ha germinado. [...] Todo lo que ocurrió y sigue ocurriendo día tras día es producido por un gobierno que se autodenomina “cristiano”. Desde hace semanas, no sólo los judíos, sino también miles de fieles católicos de Alemania y – creio – de todo el mundo, esperan y confían en que la Iglesia de Cristo alce su voz para poner fin a este abuso del nombre de Cristo. ¿No es esta idolatría de la raza y la autoridad del Estado que se impone diariamente a la conciencia pública a través de la radio una verdadera herejía? ¿No es este intento de aniquilar la sangre judía una afronta a la sagrada humanidad de nuestro Salvador, a la santísima Virgen y a los apóstoles? ¿No se opone diametralmente todo esto a la conducta de nuestro Señor y Salvador, quien incluso en la cruz oró por sus perseguidores? [...] Todos nosotros, que somos fieles hijos de la Iglesia y observamos las condiciones imperantes en Alemania con los ojos abiertos, tememos lo peor para el prestigio de la Iglesia si el silencio se prolonga por más tiempo. [...]”.

ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20); e ainda “como o corpo sem o sopro da vida é morto, assim também é morta a fé [cristã] sem obras. (Tg 2,26)

A professora Stein, ainda antes de seu ingresso no Carmelo de Colônia, tendo já a alma plasmada pela escuta da Palavra de Deus e pela oração, compreendeu que era necessário se posicionar diante das injustiças cometidas pelo Governo Nacional-socialista e, como filha da Igreja, pede com veemência à autoridade eclesial suprema que também se posicione. Daí podemos apreender que uma primeira implicação social e política de uma mística da Cruz consiste no posicionamento destemido contra toda forma de injustiça, particularmente contra os povos perseguidos injustamente. No léxico da Teologia da Libertação (cf. p.ex. Sobrino, p. 1994; Vigil, 2007), afirmou-se exaustivamente que a fé no Cristo crucificado implica necessariamente no empenho por “descer da cruz os povos crucificados”. O pensamento e a vida de Edith Stein parecem apontar na mesma direção, ensinando-nos que uma fé cristã autêntica não pode se perder em intimismos egoístas e alienantes, mas implica na denúncia profética de todo tipo de injustiça, como aliás, já cantara o salmista judeu: “[...] jamais os perfumes dos ímpios sejam usados na minha cabeça!” (Sl 140,5b)

Alguns anos depois, já vivendo no Carmelo, Stein escreve uma espécie de autobiografia, com a intenção corrigir a imagem distorcidas dos judeus propagada pela ideologia nazista. Em suas próprias palavras:

Os programas de governo e os discursos dos novos detentores do poder deram a resposta. Como uma imagem refletida em um espelho côncavo, uma caricatura assustadora dos judeus é projetada nesses programas e discursos. Talvez ela tenha sido desenhada com base em alguma convicção honesta. Talvez ela até corresponda a traços de alguns modelos vivos. Mas a “condição judaica” é necessariamente uma consequência direta do “sangue judeu”? [...] O que escrevo nestas páginas não tem a pretensão de ser uma apologia do judaísmo [...]. Pretendo simplesmente descrever, com toda simplicidade, o que eu conheço da condição judaica (Stein, 2018, p. 12-13).

Rachel Brenner, na obra *Resistência ante el Holocausto*, interpreta essa atitude de Stein – em paralelo a atitudes semelhantes de Simone Weil, Anne Frank e Etty Hillesum - como “um ato de resistência intelectual”:

De maneira especial, as obras autobiográficas dessas quatro mulheres demandam nossa atenção, convidando-nos a considerar a introspecção como

uma forma de resistência. Suas autobiografias afirmam a individualidade e a personalidade submetidas a um terror que busca sua desumanização, e são uma resposta à perseguição nazista (Brenner, 2005, p. 15).¹⁶

De nossa parte, no que se refere a Edith Stein, preferimos falar em uma forma peculiar – tipicamente cristã – de resistência ao regime Nacional-socialista (Barcelos, 2022, p. 121-131). A qual inclui, na mesma proporção do empenho ousado para combater a injustiça, a aceitação resignada – não conformista – de todas as consequências nefastas, confiando na força do Amor escatologicamente vitorioso de Deus, que triunfa misteriosamente por meio da Cruz de Jesus Ressuscitado. Tudo isso que poderia parecer contraditório, consiste, na verdade, na segunda implicação social e política de uma Ciência da Cruz: a disponibilidade pessoal para, em qualquer circunstância – mesmo em uma perseguição política – oferecer a vida por amor.

b) disponibilidade para oferecer a vida por amor

Como sabemos, foi justamente no contexto de acirramento da perseguição nazista aos judeus que a filósofa, tendo a possibilidade de procurar uma fuga da Alemanha nazista, confirma o seu discernimento para ingressar no mosteiro carmelitano. Em um breve texto autobiográfico intitulado *Como cheguei ao Carmelo de Colônia*, ela descreve retrospectivamente, essa sua tomada de decisão:

[...] agora me ficava bem claro que mais uma vez Deus pesava sua mão sobre seu povo e que o destino deste povo era também o meu [...]. Eu falava interiormente com o Salvador e lhe manifestava a minha ciência de que era a sua cruz que o povo judeu começava a carregar. *A maioria das pessoas não compreenderia isso, mas quem compreendesse devia aceitar essa cruz de bom grado em nome de todos.* Eu queria aceitá-la, mas ele devia mostrar-me como fazê-lo. Quando terminou a oração, tive a convicção íntima de ter sido atendida. Contudo, eu não sabia ainda em que consistia esse carregar a cruz (Stein, 2018, p. 314-315, grifo nosso).

Quem deseja seguir a Jesus Cristo deve estar disposto a tomar a cada dia a sua Cruz e caminhar com ele: eis o ponto central da cristologia dos Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 8, 27-38; Mt 16,13-28; Lc 9,18-27) e, de um modo geral, de todo o Novo Testamento. Esse

¹⁶ “De modo especial reclaman nuestra atención las obras autobiográficas de estas cuatro mujeres, invitándonos a considerar la introspección como forma de resistencia. Sus autobiografias afirman la individualidad y la personalidad sometidas a un terror que pretende su deshumanización, y son una respuesta a la persecución nazi”.

ponto forte da mensagem de Jesus e da mística de São João da Cruz, a filósofa carmelita assimilou e ensinou com verdadeira eloquência:

Hoje, mais do que nunca, a cruz se apresenta como um sinal de contradição. Os seguidores do Anticristo a ultrajam muito mais do que os persas quando roubaram a cruz. Desonram a imagem da cruz e se esforçam ao máximo para arrancá-la do coração dos cristãos. E muito frequentemente conseguem, até mesmo entre aqueles que, como nós¹⁷, um dia fizeram voto de seguir a Cristo carregando a cruz.

Por isso, hoje o Salvador nos olha com seriedade, examina-nos e pergunta a cada uma de nós: “Queres permanecer fiel ao Crucificado? Pensa bem! O mundo está em chamas; o combate entre Cristo e o Anticristo irrompeu abertamente. Se decidires por Cristo, isso pode te custar a vida¹⁸. (Stein, 2004a, p. 632)

Na meditação de título desconcertante *Amor pela Cruz*, na qual convida seus leitores à disposição de sofrer por expiação, ela esclarece que esse seu Amor à Cruz não se confunde com qualquer tipo de sadomasoquismo, o qual - além de patológico - é miseravelmente auto referencial:

E a busca do sofrimento como satisfação perversa pela dor é algo muito diferente da vontade de sofrer por expiação. Não se trata de uma aspiração espiritual, mas de um desejo sensível – e não é melhor que as outras paixões, sendo muito pior por ir contra a natureza¹⁹. (Stein, 2004a, p. 624)

Essa disposição pessoal para carregar a Cruz e oferecer a vida por amor, entretanto só é possível a quem tem uma visão espiritual dos acontecimentos históricos:

Somente pode aspirar à expiação aquele que tem os olhos do espírito abertos ao sentido sobrenatural dos acontecimentos do mundo; isso é possível apenas para os homens em quem habita o Espírito de Cristo, que, como membros da

¹⁷ A meditação intitulada *Exaltação da Cruz* foi escrita, por ocasião da Festa da Exaltação da Santa Cruz (14/11/1939), para as religiosas do Mosteiro Carmelita de Echt na Holanda, por isso a referência de Stein aos votos religiosos de pobreza, obediência e castidade.

¹⁸ “Hoy más que nunca la cruz se presenta como un signo de contradicción. Los seguidores del Anticristo la ultrajan mucho más que los persas cuando robaron la cruz. Deshonran la imagen de la cruz y se esfuerzan todo lo posible para arrancar la cruz del corazón de los cristianos. Y muy frecuentemente lo consiguen, incluso entre los que, como nosotras, hicieron un día voto de seguir a Cristo cargando con la cruz. Por eso hoy el Salvador nos mira seriamente y examinándonos, y nos pregunta a cada una de nosotras: ¿Quieres permanecer fiel al Crucificado? ¡Piénsalo bien! El mundo está en llamas, el combate entre Cristo y el Anticristo ha estallado abiertamente. Si te decides por Cristo, te puede costar la vida”.

¹⁹ “Y la búsqueda del sufrimiento como satisfacción perversa por el dolor es algo muy distinto de la voluntad de sufrir por expiación”. No se trata de una aspiración espiritual, sino de un deseo sensible y no mejor que las otras pasiones, sino mucho peor por ir contra natura”.

Cabeça, encontram n'Ele a vida, a força, o sentido e a direção²⁰. (Stein, 2004a, p. 624)

Todavia, quem oferecer a vida por amor encontra segundo Stein – por mais contraditório que possa parecer à razão ilustrada – uma profunda e verdadeira alegria:

Ajudar Cristo a carregar a cruz proporciona uma alegria forte e pura, e aqueles que podem e devem - os construtores do Reino de Deus - são os autênticos filhos de Deus. Portanto, a preferência pelo caminho da cruz não significa nenhuma rejeição ao fato de a Sexta-feira Santa já ter passado e a obra da redenção estar consumada. [...] Sofrer e ser feliz no sofrimento, estar na terra, percorrer os caminhos sujos e duros desta terra e ainda reinar com Cristo à direita do Pai; com os filhos deste mundo rindo e chorando, e com os coros de anjos cantando ininterruptamente louvores a Deus: esta é a vida do cristão até o dia em que irromper a aurora da eternidade²¹. (Stein, 2004a, 624-625, grifo nosso)

Em poucas palavras, a partir de uma experiência mística de encontro na fé com Cristo Crucificado uma pessoa se descobre amada por Deus e, a partir da experiência desse amor, a própria vida – em todas as suas dimensões - ganha sentido. Dessa forma, o próprio sofrimento ganha sentido enquanto sofrimento por amor – na linguagem da Mística, sofrimento unido a Cristo – e pode ser, sim, ocasião de alegria para quem sofre por amor. Se a nossa reflexão sobre Teologia Mística, que discorre nos umbrais do Mistério e, portanto, em um plano de reflexão que certamente apresentará dificuldades de compreensão a algum pensador que não partilhe da fé cristã e, particularmente, da fé cristã católica. Curiosamente, diante do mesmo fenômeno da perseguição nazista, pensadores que refletiram a partir de um ponto de partida empírico, chegaram a conclusões semelhantes às de Stein no tocante ao sentido da vida diante do sofrimento. Certamente, o exemplo mais emblemático é o de Viktor Franklin, o psicólogo no campo de concentração. Nas suas palavras:

Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras de Nietzsche: "Quem tem por que viver suporta quase todo como." Nestas palavras eu vejo um lema válido

²⁰ “Sólo puede aspirar a la expiación quien tiene abiertos los ojos del espíritu al sentido sobrenatural de los acontecimientos del mundo; esto resulta posible sólo en los hombres en los que habita el Espíritu de Cristo, que como miembros de la Cabeza encuentran en El la vida, la fuerza, el sentido y la dirección”.

²¹ “Ayudar a Cristo a llevar la cruz proporciona una alegría fuerte y pura, y aquellos que puedan y deban, los constructores del Reino de Dios, son los auténticos hijos de Dios. De ahí que la preferencia por el camino de la cruz no signifique ninguna repugnancia ante el hecho de que el Viernes Santo ya haya pasado y la obra de redención haya sido consumada. [...] Sufrir y ser felices en el sufrimiento, estar en la tierra, recorrer los sucios y ásperos caminos de esta tierra y con todo reinar con Cristo a la derecha del Padre; con los hijos de este mundo reír y llorar, y con los coros de los ángeles cantar ininterrumpidamente alabanzas a Dios: esta es la vida del cristiano hasta el día en que rompa el alba de la eternidad”.

para qualquer psicoterapia. Nos campos de concentração nazistas poder-se-ia ter testemunhado que aqueles que sabiam que havia uma tarefa esperando por eles, tinham as maiores chances de sobreviver. Outros autores de livros sobre campos de concentração chegaram à mesma conclusão assim como investigações psiquiátricas sobre acampamentos com prisioneiros de guerra no Japão, Coreia do Norte e Vietnã do Norte (Frankl, 2009, p. 129).

O fundador da Logoterapia, inclusive, chega a afirmar, em um tom tão ousado como o de Stein, que o “sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício” (Frankl, 2008, p. 137). E essa é, sem dúvida, uma das potencialidades supremas da liberdade humana: diante do sofrimento inevitável, escolher sofrer com sentido ou, em linguagem cristã, sofrer com amor e por amor, pois “a liberdade interior (*geistig*) do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe até o último suspiro configurar a sua vida de modo que tenha sentido” (Frankl, 2008, p. 89).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do breve percurso de reflexão que percorremos nesse artigo – no qual optamos por dar voz aos próprios textos steinianos, cotejando algumas referências bíblico-teológicas e indicando os estudos críticos mais relevantes – fica muito claro que a mística de Edith Stein não é alienada nem alienante, ou seja, uma Ciência da Cruz tem, sim, implicações sociais e políticas.

É verdade que, após a sua conversão à fé cristã católica, a pesquisa científica da jovem aluna de Husserl ganhou uma nova orientação²², na qual os temas sociais e políticos, bastante presentes em um primeiro momento, agora parecem ser deixados em um segundo plano. Entretanto, isso não significa que ela enxergue a sua conversão como uma ruptura com o seu caminho anterior e muito menos considere que seja permitido a um cristão enveredar-se por intimismos egoístas. O que acontece – e essa é a tese que postulamos – é que Stein vive, primeiramente, uma fase de assimilação existencial da graça divina que

²² Ainda sobre esta nova orientação da pesquisa científica de Edith Stein após a sua conversão, sem dúvida, o texto em que ela aborda mais ampla e diretamente a questão é o prólogo do *Ser Finito e Ser Eterno* (Stein, 2007, p. 604-606), no qual a filósofa abre o texto de seu *Opus Magnum* com a expressão mais humilde e enganadora/irônica: “Este livro foi escrito por uma principiante e para principiantes. A autora, em uma idade na qual outros poderiam pretender o título de mestres, foi obrigada a recomençar o seu caminho [...] Havia encontrado o caminho de Cristo e de sua Igreja [...]. (Stein, 2007, p. 604. Grifo nosso). Texto espanhol: “Este libro ha sido escrito por una principiante para principiantes. La autora, a una edad en que los demás podrían pretender el título de maestro, estaba obligada a volver a comenzar su camino [...] Había encontrado el camino a Cristo y a su Iglesia [...]”.

recebeu no encontro com Cristo e na celebração dos sacramentos da iniciação cristã e, na sequência, constrói passo a passo um novo caminho de reflexão filosófica, motivado pelos novos temas descobertos na doutrina cristã, bem como, por sua ocupação profissional como docente em Espira e Münster, considerando que não logrou alcançar espaço na docência universitária na Alemanha da década de 1920 e 1930, em função de sua condição de mulher.

Não se pode negar que nessa segunda etapa de sua produção filosófico-teológica, Stein dá maior ênfase ao que se poderia chamar *de dimensão vertical da fé cristã* e que diz respeito ao caminho da união de uma alma com Deus através da oração, no seguimento de Jesus Cristo. Entretanto – como já afirmamos – isso não significa negação do que poderíamos chamar de *dimensão horizontal da fé cristã* e que se refere ao imperativo do amor ao próximo com os seus desdobramentos sociais e políticos. Trata-se apenas de uma ênfase diversa.

Todavia, a eclosão do nacionalsocialismo na Alemanha da década de 1930 foi a oportunidade – um tanto trágica na verdade - para que Edith Stein, por um lado, se posicionasse politicamente e, por outro, assimilasse em sua doutrina espiritual os dois pontos cardeais a partir dos quais nos aprouve relacionar Mística e Política no seu pensamento: o empenho destemido por ordem social justa e a disponibilidade para oferecer a vida por amor. Não se trata, na verdade, de nenhum ineditismo, mas simplesmente da assimilação conceitual e existencial do mandamento do amor cristão, com as suas consequências comunitárias, sociais e políticas.

A mesma filósofa-teóloga-mística que luta por uma ordem social justa e faz tudo o que está ao seu alcance para *descer o povo judeu da cruz* que lhe é imposta pelo governo nacionalista, diante do acirramento das perseguições injustas, encontra um sentido radical para sua vida, diante do qual é capaz de enfrentar o sofrimento injusto, oferecendo, com alegria e paz interior, a própria vida no martírio por amor, unida a Cristo Crucificado, conforme ela própria “poetizou”:

O que é a cruz?
 O sinal da mais profunda ignomínia.
 Aquele que a toca é expulso da sociedade humana.
 Os que antes o louvavam
 agora dele se afastam, espantados, e já não o reconhecem.
 Diante dos inimigos, encontra-se desprotegido.

Na terra nada mais lhe resta
senão dores, tormento e morte.

O que é a cruz?
O sinal que nos mostra o céu.
Ergue-se acima do pó e do vapor da terra
e se eleva à luz límpida.
O que os homens podem receber, deixa:
abre as mãos e ajusta-te à cruz;
então ela te levará para o alto,
à luz eterna.

Olha para a cruz:
ela estende o seu madeiro transversal
como alguém que abre os braços,
como se quisesse abraçar o mundo inteiro:
vinde todos vós que estais cansados e sobrecarregados,
também vós que gritais: “crucifica-o”.
Esta é a imagem de Deus, que empalideceu na cruz.

Ela ascende ao céu desde o fundo da terra,
assim como aquele que subiu ao céu,
e a cruz deseja elevar a todos consigo.
Abraça tu a cruz, e assim terás aquele
que é o caminho, a verdade e a vida.
Se levas a tua cruz, ela te levará também,
e se transformará para ti em felicidade²³. (Stein, V, p. 782-785)

6. REFERÊNCIAS

BARCELOS, D'Artagnan de Almeida. **A filosofia política de Edith Stein**. 2022. 159f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Ciências Humanas, Faculdade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14682>. Acesso em: 31 out. 2025.

BELLO, A.; CHENAUX, P. (org.) **Edith Stein e il Nazismo**. Roma: Città Nuova, 2005.

BERKMAN, Joyce Avrech (org). **Contemplating Edith Stein**. Indiana: Notre Dame, 2006.

FRANKL, E. Viktor. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007. 10ª ed.

²³ ¿Qué es la cruz?/ El signo de la más profunda ignominia./ El que lo toca es expulsado de la sociedad humana./ Los que en otro tiempo le alababan/ ya se apartan de él espantadizos y no le conocen más./ Ante los enemigos se halla desprotegido./ En la tierra no le queda nada/ sino dolores, tormento y muerte.

¿Qué es la cruz?/ El signo que nos muestra el cielo./ Se eleva sobre el polvo y vaho de la tierra/ y se alza a la límpida luz./ Lo que pueden recibir los hombres, déjalo:/ abre las manos y ajústate a la cruz:/ entonces te lleva hacia arriba/ a la luz eterna

Mira a la cruz:/ Ella extiende su travesaño/ como uno que abre sus brazos/ como si quisiera abarcar el mundo entero:/ venid todos los que estáis cansados y agobiados,/ también vosotros, que me gritáis: "crucifícalo"./ Esta es la imagen de Dios, que quedó palidecida en la cruz.

Asciende al cielo desde el fondo de la tierra/ igual que él que subió al cielo,/ y la cruz quisiera elevar a todos consigo./ Tú abraza la cruz, así le tienes a él/ que es verdad, camino y vida./ Si llevas tu cruz, así te lleva ella a ti/ y se convertirá para ti en felicidad.

BELLO, A.; CHENAUX, P. (org.). **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, Vozes, 2009. 28ª ed.

GUASCO, Alberto. **Pio XI, la Chiesa e il fascismo**: Un itinerario di rilettura. Annali di storia dell'educazione, Brescia, v. 19, pp. 87-105, 2012. Disponível em <http://www.bs.unicatt.it/ase/Annali/indice/2012-19.pdf>. Acesso em 11 nov. 2025

MACINTYRE, Alasdair. **Edith Stein**: a philosophical prologue 1913-1922. Maryland: Rowman & Littlefield, 2006.

RIEBLING, Mark. **O papa contra Hitler**: a guerra secreta da Igreja contra o nazismo. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOBRINO, Jon. **Jesus na América Latina**: seu significado para a fé e a cristologia. São Paulo/Petrópolis, Loyola/Vozes, 1985.

SOBRINO, Jon. **O Princípio Misericórdia**: descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.

STEIN, Edith. **A Ciência da Cruz**. São Paulo: Loyola, 2002a.

STEIN, Edith. **An Investigation Concerning the State**. Washington D. C.: ICS Publications, 2006b. Edição do Kindle.

STEIN, Edith. **Eine Untersuchung über den Staat**. Freiburg: Herder, 2006a.

STEIN, Edith. **Obras completas I**: Escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2002b.

STEIN, Edith. **Obras completas IV**: Escritos antropológicos y pedagógicos. Burgos: Monte Carmelo, 2003.

STEIN, Edith. **Obras completas V**: Escritos espirituales. Burgos: Monte Carmelo, 2004.

STEIN, Edith. **Ser finito y Ser eterno**. In: STEIN, Edith. **Obras completas III**: Escritos filosóficos, etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936. Burgos: Monte Carmelo, 2007.

STEIN, Edith. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. São Paulo: Paulus, 2019.

STEIN, Edith. **Uma investigação sobre o Estado**. São Paulo: Paulus, 2022.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. São Paulo: Paulus, 2018.

THOMAS, Gordon. **Os judeus do Papa**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

VIGIL, José Maria (org.). **Descer da cruz os pobres**: Cristologia da libertação. São Paulo : Paulinas, 2007.